

# Suplemento Cultural

## Por que ler os clássicos?

**ZORRILLO DE ALMEIDA SOBRINHO** – escritor/cronista, pertenceu à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Arrumando a estante encontrei meio escondido o livro do escritor italiano Ítalo Calvino, autor da interessante obra cujo título é o mesmo que encima este artigo.

E cabe a pergunta: por que ler os clássicos?

Despertou-me a atenção porque recentemente li uma revista em que o articulista fazia uma reflexão sobre o pensamento de filósofos antigos a respeito de observações e fatos de nosso tempo. Entre eles, Platão, Sêneca, Diderot, Montaigne, Voltaire e Nietzsche.

Pois bem, irei apresentar alguns conceitos do escritor italiano Ítalo Calvino. Ele começa o seu livro “com algumas propostas de definição: os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: ‘Estou re-

lendo’... e nunca ‘Estou lendo’”.

Isso acontece pelo menos com aquelas pessoas que se consideram “grandes leitores”; não vale para a juventude.

“O prefixo reiterativo antes do verbo *ler* pode ser uma pequena hipocrisia por parte dos que se envergonham de admitir não ter lido um livro famoso. Para tranquilizá-los, bastará observar que, por maiores que possam ser as leituras ‘de formação’ de um indivíduo, resta sempre um número enorme de obras que ele não leu”.

“Ler pela primeira vez um grande livro na idade madura é um prazer extraordinário, diferente (mas não se pode dizer maior ou menor) se comparado a uma leitura da juventude”.

“Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira

vez nas melhores condições para apreciá-los”.

“Relendo o livro na idade madura, acontece reencontrar aquelas constantes que já fazem parte de nossos mecanismos interiores e cuja origem havíamos esquecido”. Existe uma força particular da obra que consegue fazer-se esquecer enquanto tal, mas que deixa sua semente.

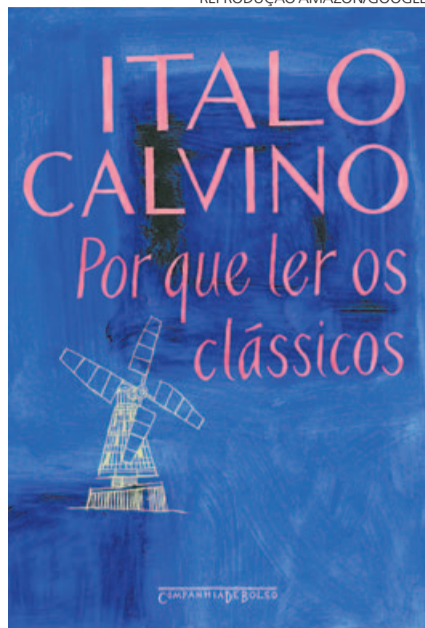
A definição que dela podemos dar então será: os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual.

Por isso, deveria existir um tempo na vida adulta dedicado a revisitar as leituras mais importantes da juventude.

Enfim, “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”.

Por último, “não se pense que os

REPRODUÇÃO AMAZON/GOOGLE



Apresentação de um livro “clássico” de Ítalo Calvino

clássicos devem ser lidos porque ‘servem’ para qualquer coisa. A única razão que se pode apresentar é que ler os clássicos é melhor do que

“

Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los”

não ler os clássicos”. Como dizia o saudoso Elpídio Reis, trata-se de um “algo mais” para a vida de cada um.

## A morte do amor

**AMÉRICO CALHEIROS** – poeta/cronista, membro da ASL

Será que os grandes amores ficaram enterrados no mais remoto passado, entre pálidas páginas da literatura romântica mundial, sufocados pelo encantador perfume das camélias? Ou teria sido apenas uma miragem coletiva, invenção de sonhadores, lórotas de desavisados, brincadeira de poetas sem outro ofício senão o de cantar amores.

Tem o amor raízes tão fortemente impregnadas na cultura mundial, que alimenta a própria história dos casais que se tornaram símbolos dessa criação, como Cleópatra e Júlio César, Romeu e Julieta e Margarida Gautier e Armando Duval, que referendam às criaturas mortais que amar vale a pena?

Há uma clara ausência de exemplos e não só dos “Deuses do Olimpo”, como dentre as seres comuns. Pelo contrário, o troca-troca de pares não deixa que se fixem, no imaginário popular, casais emblemáticos detentores das bênçãos de Vênus, a deusa do amor e da beleza. Também, nos momentos nossos de cada dia, é matéria rara identificar casais que personificam o amor tão cantado em prosa e verso.

De tão idealizado, o amor parece que partiu para o plano dos deuses e ficou lá escondido em um cofre,

do rol das necessidades básicas da humanidade!

Ora, essa chama que alimenta a mente do ser humano, e só a deixa plena se nela estiver presente, parece que está bem em baixa mesmo.

Onde estão as imagens atuais dos amores marcantes, símbolos dessa criação, como Cleópatra e Júlio César, Romeu e Julieta e Margarida Gautier e Armando Duval, que referendam às criaturas mortais que amar vale a pena?

Há uma clara ausência de exemplos e não só dos “Deuses do Olimpo”, como dentre as seres comuns.

Pelo contrário, o troca-troca de pares não deixa que se fixem, no imaginário popular, casais emblemáticos detentores das bênçãos de Vênus, a deusa do amor e da beleza.

Também, nos momentos nossos de cada dia, é matéria rara identificar casais que personificam o amor tão cantado em prosa e verso.

De tão idealizado, o amor parece que partiu para o plano dos deuses e ficou lá escondido em um cofre,

guardado a sete chaves. Poucos lhe têm acesso. Ou, de fato, confirmando a tese de miragem coletiva, a humanidade está se despertando gradativamente desse torpor?

Talvez as guerras e a violência exacerbada que grassam pelo mundo afora e invadem as casas pela mídia, o destempero financeiro, a instabilidade econômica, moral e afetiva venham contribuindo com a perda da capacidade das pessoas de amar e de gerar, para o mundo, ícones do amor, num tempo tão sem motivação para tal. Ou, por outro lado, será que a reserva do amor, acumulada pela humanidade no decorrer dos milênios, acabou, ou nunca deveras existiu?

Desculpas, justificativas já reprisadas, cansadas só servem para ilustrar este tema que, na verdade, anda tão descolorido.

De um modo geral, o amor não é o produto de consumo mais indispensável como já o foi durante milênios. Hoje, assumidamente, milhares de pessoas, e até entre os mais jovens da nova geração, já admitem que a huma-

nidade está caminhando para a independência do chamado amor ou para um outro tipo de relação com este sentimento que já deu à humanidade tão belos momentos e terríveis conflitos.

Apesar de ainda ser um apelo muito usado na mídia, o amor começa a sofrer sinais de esgotamento, na prática, onde se vê que ele não é mais o unânime objeto de desejo da maioria das vidas.

Conquistar segurança financeira, paz de espírito e viver bem com o próximo são os objetivos que mais vêm estimulando a batalha das pessoas, e parece que está sendo possível ser feliz, não dispensando a possibilidade de ter alguém ou até de amar, porém dando a essa questão o mesmo peso e a mesma medida dos outros indicadores do bem viver. Definitivamente, os grandes arruobos, as desenfreadas paixões e similares vêm dando lugar a sentimentos mais centrados, onde razão e emoção convivem em especial harmonia.

Tomara que o amor, tão bem sintetizado por tantos nomes e histórias no caminhar da humanidade, não esteja se despedindo tão melancolicamente do cenário contemporâneo. Ou será apenas uma miragem minha?

## POESIAS

### Cronômetro do amor

Desde os primórdios do viver humano, Quisera o tempo o homem registrar... Conceu-se a semana, o mês e o ano, Da lua os ciclos na maré do mar!

O sol no céu não é relógio insano, Um galo canta as horas ao cantar... Aos sons da natureza então me irmano E os sinto o ir-do-tempo a processar!

Enfim, contando o tempo que em vão passa, Digital e analógica fumaça Processa a vida qual computador...

Mas um tempo há, por Deus só processado: O segundos, meu bem, que lado a lado, Na vida eternizamos nosso amor!

**Geraldo Ramon Pereira** – coordenador cultural deste Suplemento pela ASL

### Cor do dia

Segue a cor do dia No som que vibra No samba da vida No ritmo da lida Que sacode o pó.

Esse suor e sumo Que nos dá o rumo Que, de amargo e doce, Foi Deus quem trouxe, E não nos deixa só.

Brinca!... Mas trabalha. Não foge à batalha O mundo retumba, A esperança zumba E desaperta o nó.

São respostas do mundo Regurgitando tudo Tsunami vem mudo, Em iras de amargo fel, Feito peso de Babel, Despertando dó.

O alarde que ressoa, Cisma todo o Sistema. Continentes ecoam Abruptas ondas. O globo emudece, Refletindo em prece Súplicas tão só.

Segue a cor do dia Na simplicidade Sem a nua maldade, Que o eixo não se verga, Mas verga o homem, A exemplo de JÓ!

**Elizabeth Fonseca** – membro da ASL, 1ª tesoureira

## A Bandeira Nacional: um símbolo de amor

**GUIMARÃES ROCHA** – poeta/cronista, palestrante, integrante da ASL

Um erro histórico nas socieda-

des do mundo tem sido o abandono do cultivo do civismo e da moral patriótica. Hoje mais do que em qualquer tempo, a educação moral e cívica tem feito

imensa falta à nossa juventude. O amor aos símbolos nacionais é que dá o necessário sustentáculo para a elevação do caráter. Um falso romantismo poderá, talvez, levar à ideia de que as figuras individuais dos países e das nações organizadas, com caráter coletivo e peculiar, são desnecessárias ou superadas para o futuro; mas a verdade é que, longe de configurar bairrismo ou xenofobia, hostilidade ou menosprezo aos demais países, o verdadeiro amor à pátria significa a dedicação de cada um na política de afirmação de um povo unido por laços históricos, linguísticos, econômicos e culturais, justamente compondo uma grande individualidade altruísta e generosa para com a humanidade inteira.

Para o Brasil, a soberania nacional, portanto, é a garantia de que o nosso povo, compondo a maior nação cristã do planeta, cumprirá o seu glorioso destino. No dia 19 de novembro, comemoramos o Dia da Bandeira, que foi instituído em 1889, logo após a Proclamação da

República. A Bandeira, o Hino, as Armas Nacionais e o Selo Nacional, são os maiores símbolos da nossa pátria. O ultraje a esses símbolos seja por palavras, gestos ou divulgação de escrito, ou por qualquer outro meio de comunicação com o público, acarreta processo previsto no Código Penal.

A nossa Bandeira, na presente concepção (a quinta da nossa história) – adotada pelo Decreto-lei nº 4, de 19 de novembro de 1889 –, foi elaborada por um dos chefes da propaganda positivista do Brasil, Raimundo Mendes, e o desenho ficou a cargo do pintor Décio Vilares. “Ordem e Progresso”: o lema foi sugerido pelo militar, professor e político brasileiro, fundador da República, Benjamin Constant; a expressão foi extraída da legenda positivista “O amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim”. As estrelas foram inspiradas nas que, realmente, brilhavam no céu do Brasil na histórica madrugada de 15 de novembro de 1889.

